

Sob uma estranha luz branca

Esse rio sem ponte sonha, inventa ou ruma o mito (pois nada nunca é evidente na literatura oblíqua e rara de Carlos Tamm, sendo personagens e suas narrativas iluminados por uma estranha luz branca que revela na mesma medida que mente e oculta) de uma mulher que vive sozinha com os seus dois filhos, o Menino e a Menina, numa antiga propriedade rural. Por razões jamais explicitadas, mas relativas a conflitos no seio de sua complexa família (enraizada numa oligarquia rural decadente), o marido e pai desapareceu há muitos anos. Temos aqui os elementos mais potentes e mínimos de uma tragédia, no sentido grego da palavra. A Grécia está, desta forma, presente, mas estranhamente virtualizada (como se fosse um reflexo de um reflexo de uma velha fotografia); encontra-se então a Dinamarca, pois a presença de Hamlet é incontornável; vive-se também nas Minas Gerais dos nossos ventos uivantes na alma das casas assassina; e *Esse rio sem ponte* seria o relato da família perplexa a abandonada, o espelho invertido da *Terceira margem do rio*. Ou a Irlanda numa montagem de Beckett.

Há, portanto, toda uma ambiência construída por este romance (que também poderia ser lido como um poema em prosa ou uma peça teatral), e essa atmosfera, esse lugar (ou esse não-lugar, sendo perfeitamente apresentado como uma fazenda, com seus animais, cheiros e sons, mas, ao mesmo tempo, revelando-se um lugar farsesco, ou seja, um palco, minimalisticamente construído e perfeitamente iluminado pela luz branca da literatura que tudo revela e tudo apaga) é, ao fim e ao cabo, mais que cenário – é personagem. Esse personagem que tudo permeia e no qual todos são imersos é construído pela própria estrutura narrativa do texto, que se desloca entre as perspectivas e subjetividades (inconscientes) de cada personagem e se constrói a partir de cartas, diários, interrogatórios, diálogos, silêncios, relatos de sonhos e pensamentos. Enquanto leitores, também envolvidos por essa mesma e estranha luz branca da literatura de Carlos Tamm, não sabemos quais situações, ações e diálogos aconteceram de fato ou como aconteceram, e quais são reais apenas nas mentes dos personagens principais (ou frutos da nossa leitura particular). Desta forma, os filhos convivem com as oscilações mentais da mãe, que passa de momentos comunicativos e até afetuosos para outros em que aparentemente torna-se ausente e alienada do mundo, dos filhos e de si mesma.

Depois de crescerem, as crianças saem da fazenda para estudar. Mas enquanto a mãe se debate nos labirintos kafkianos (e Kafka, principalmente por ser, segundo arguta percepção de Benjamin, o primeiro escritor moderno a perceber a necessidade de sacrificar a verdade em nome de uma transmissibilidade, é referência fundamental para Tamm) de uma instituição de saúde mental, com seu Vigia e um Inquiridor, que interroga a família tentando desvendar seus mistérios (seus crimes), as crianças não tiveram melhor sorte, incapazes de se livrar de seus fantasmas. A Menina se interessa por fotografia, mas pouco a pouco vai entrando em um estado de mutismo e incomunicabilidade, até se suicidar. O Menino torna-se escritor, casa-se e tem filhos, mas vive

obcecado em entender o que aconteceu na origem de sua família e lança-se numa odisséia particular que o afasta de sua mulher e filhos.

Esse rio sem ponte diz da condição de afasia da própria literatura (quero dizer, da literatura enquanto abertura para o que há de insondável no humano, e não mero entretenimento) no início do século XXI: da impossibilidade de uma experiência compartilhada, da intransmissibilidade de um conteúdo. Esse lugar, ou esse não-lugar, é o que estou chamando de luz branca. Esse o verdadeiro objeto do livro, e é dessa perspectiva que se percebe claramente a grandeza e a originalidade de Carlos Tamm na nossa literatura: esse rio sem ponte.